

## **Circuitos metodológicos da complexidade<sup>1</sup>**

IV SE&PQ – Rio Claro, outubro 2010.

Uma das melhores maneiras de recriar o passado de um homem é reconstruir sua biblioteca.

Marguerite Yourcenar.

Nunca nos situamos no tempo presente. Recordamos o passado; antecipamos o futuro.

Blaise Pascal.

A alma e o corpo são uma única e mesma coisa.

Baruch Spinoza

A ciência moderna abriu o diálogo com a incerteza e a incompletude.

Edgar Morin

A superação da fronteira natureza e cultura e a abertura bioantropossociológica são os pontos de partida da complexidade. O homem é marcado pelo entrelaçamento dos itinerários racional-lógico-dedutivo e simbólico-mítico-mitológico. Ambos são caracterizados por relações de complementaridade, concorrência e antagonismo. É assim que a inteligência humana se organiza, a consciência se estrutura, o pensamento criador se efetiva.

O que marca o conhecimento e o método são os circuitos recursivos entre sujeito e objeto, espírito e mundo. Por isso, as relações de incerteza e os buracos negros dão o tom do conhecimento dos conhecimentos, assim como da consciência de seus limites. Os conhecimentos vivem sempre no limite de sua própria destruição. As relações de causalidade e determinismo devem ser colocadas em seu devido lugar e não serem tomadas como deflagradoras exclusivas dos processos cognitivos, sociais, culturais.

Não somos os detentores exclusivos de conhecimentos simbólicos sistematizados, pois alguns deles são compartilhados com primatas não humanos como chimpanzés, gorilas e bonobos. O que nos diferencia é um polienraizamento antropológico cerebral-espiritual-cultural-social que,

---

<sup>1</sup> EDGARD DE ASSIS CARVALHO, professor titular de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais, coordenador do núcleo de estudos da complexidade e do comitê de ética em pesquisa da PUCSP. Coordenador brasileiro da cátedra itinerante UNESCO Edgar Morin.

por sua vez, requer um polienraizamento físico-biológico-zoológico. É a partir deles que diagnósticos, proposições, teorias são construídos, redefinidos, superados. As criações humanas são sempre bioantropossociais e envolvem quatro esferas indissociáveis e interdependentes: a biosfera, a antroposfera, a psicoesfera, a sócioesfera.

Há paradigmas que explicam o mundo. Jamais devem ser consensuais, sistemas fechados de representações e crenças. O paradigma é paisagem mental composta de elementos racionais e emocionais. Os conceitos que os formatam são inacabados, impuros, trazem restos de outros conceitos, possuem zonas de vizinhança com concepções advindas de outras áreas, principalmente da filosofia e da arte. Conceitos são sobrevoos, linhas de fuga a serem permanentemente reformadas e redefinidas.

Dois paradigmas regem o conjunto dos saberes: o da disjunção que separa homem e natureza e o da conjunção que prega a unidualidade natural e cultural, cerebral e psíquica. O primeiro gera a fragmentação e a disciplinaridade, o segundo prega a reconciliação e a transversalidade. Sujeito e objeto, alma e corpo, espírito e matéria, qualidade e quantidade, finalidade e causalidade, sentimento e razão, liberdade e determinismo, existência e essência são opostos complementares que regem a totalidade dos sistemas vivos. A complexidade requer uma revolução paradigmática que questione essas dualidades e as coloque em circuito permanente.

A identidade humana funda-se no entrelaçamento indivíduo – sociedade – espécie. Relações de antagonismo e complementaridade entre os três termos formam um circuito de ações e retroações, abrem a identidade para o sentido de humanidade, exibem os dilemas da condição humana. O que se explicita é o rompimento definitivo das concepções redutoras do *homo sapiens*, *homo faber*, *homo economicus*, *homo ludens* que ignoram o caráter múltiplo e complexo de nossa identidade biológica, subjetiva e social.

O futuro da identidade humana funda-se na metamorfose e na regeneração da autonomia dos seres vivos. É preciso retornar ao homem genérico, desde que saturado de emoções. O *homo complexus* sempre se envolve com os dilemas da repetição, da criatividade, da afetividade, do sentimento de comunidade. É sapiens ao quadrado, *sapiens sapiens demens*, pois primatas não humanos elaboram estratégias de sobrevivência muito próximas das nossas, que devem necessariamente ser levadas em conta de agora em diante.

A complexidade possui fundamentos, formatos, pressupostos, ideias-matrizes, itinerários metodológicos. 1. Eco-organização: Qualquer ser vivo possui em seu próprio interior a organização de seu meio mantendo com ele um diálogo permanente. Cai por terra a oposição inato/adquirido, homem/grupo, determinismo/liberdade; 2. Teoria: um sistema multidimensional de idéias que se alimenta da abertura com o mundo exterior. Se o sistema se fecha, converte-se em doutrina, cânone, degradação; 3. Vida: oceano de incertezas, a vida se movimenta em meio a um arquipélago de

Anais IV SIPEQ – ISBN - 978-85-98623-04-7

certezas. Estamos todos numa aventura desconhecida, incerta, o futuro jamais está dado; 4 Cérebro: Humanos que somos, carregamos em nossa constituição um cérebro triúnico, uma memória coletiva, cujo caráter é histórico e evolutivo; uma parte reptílica, sede da agressão, uma segunda herdada dos antigos mamíferos, sede da inteligência e da afetividade; finalmente uma terceira, o neocórtex cerebral, sede das operações lógicas; 5. Ordem/desordem: Opostas e complementares, ambas são constitutivas do destino humano. Identificada com repetição e petrificação, a ordem contém necessariamente a desordem, ou seja, a incoerência e a confusão. Convivem a todo tempo e configuram processos subjetivos e objetivos; 6. História: O processo histórico nunca é linear e teleológico, mas um movimento constante repleto de desvios, bifurcações, dissipações; 7. Cultura: ao eliminar as dicotomias entre cultura popular e erudita, cultura científica e cultura literária, a cultura é patrimônio e expressão da práxis e das práticas coletivas. As obras culturais devem dar ao cidadão a capacidade de quebrar e transgredir fronteiras e compartimentos ainda vigentes entre os saberes. A cultura contém padrões, normas, regularidades, mas é portadora de uma zona obscura antropocósmica difícil de ser desvendada; 8. Sujeito: O sujeito vive sempre para si para o outro. É simultaneamente endo e exorreferente e essa dialogia lhe confere identidade, diferença, reconhecimento. De um lado a filogênese, de outro a ontogênese. Ambas têm a ver com o surgimento e preservação da espécie, com os ganhos e perdas ocorridos no processo da hominização; 9. Era planetária: a terra-pátria como comunidade de destino fornece as bases éticas para a humanidade. É nela que se religam o local e o global, o universal e o particular. Se, de um lado, é necessário pertencer a um país, uma religião, um grupo cultural, de outro é também imperativo o pertencimento à Terra. As identidades locais convertem-se em poli-identidades concêntricas sintonizadas com os destinos, a preservação e a sustentabilidade planetárias; 10. Corporeidade: a identidade somato-corpórea é indicativa da consciência de si. É preciso retomar a posse do corpo, distribuir melhor a energia que circula por todas as suas partes, tomar consciência da relação entre o todo que é o corpo e o todo que é o universo. É preciso mantê-lo ativo o todo tempo. O corpo requer treinamento intensivo, seu aparelhamento sempre traz surpresas e inovações. Corpo e mente, corpo e imaginação, corpo e sexualidade são bases da formação da consciência individual, social, cósmica.

É preciso retornar aos fundamentos sapientais, recriar valores universais, redefinir conceitos, religar saberes, rearticular ciência, arte, tradição, espiritualidade, mito. É preciso, também, retomar o pensamento da ética e a ética do pensamento, as relações entre ética, ciência e política e, finalmente, os fundamentos da auto-ética, da sócio-ética e da antropológica.

Todo ato ético é um ato de religação com o outro, com os seus, com a comunidade, a humanidade e o cosmo. Como tudo o que é humano, a ética deve defrontar-se com as incertezas e contradições, isso pelo fato de que a ecologia da ação nos indica que qualquer ato humano escapa

cada vez mais da intencionalidade de seu autor. Sempre há riscos e precauções, pois o que está em jogo é a relação entre meios e fins. Uma ética da responsabilidade aliada a uma ética da convicção é o protocolo de um novo contrato simultaneamente social e natural. Por isso, a ética de si (autoética), a ética do outro (sócioética), a ética da espécie (antropoética) são inseparáveis para que possamos pensar, redefinir os devires sociais e instaurar a democracia cognitiva e a política de civilização.

A ética complexa concebe que o bem contém o mal, o justo, o injusto, o contingente, o necessário. Assumir a incerteza do destino humano implica assumir a incerteza ética. A racionalidade aberta concebe a autonomia da individualidade, mas também reconhece as forças ilusórias, as deformações da memória, a auto-justificação, a mentira para si mesmo. Exercitar constantemente a resistência às barbáries interiores e exteriores requer a prática da ética da religação e da tolerância, a ética da amizade, da compreensão e do perdão. Regeneração é a palavra-chave dos desafios éticos. Para isso, é preciso reformar a sociedade, a civilização, a vida, a alma, o corpo. Essa é a missão ética diante da crise planetária. É ela que tem a insana tarefa de regenerar o humanismo e restaurar a esperança.

A complexidade é movida pela dinâmica da incompletude e pela incerteza do saber. Por isso, a religação dos dispositivos racionais-lógicos-dedutivos e míticos-mágicos-imaginários é prioritária. O método não é conjunto de regras e procedimentos, mas estratégia apta a relacionar, dialogar e relacionar disciplinas que foram separadas pela visão cartesiana. Busca-se estabelecer pontos de confluência entre as singularidades da matéria e do espírito que permitam a construção de uma visão integrada e policêntrica do homem.

O método absorve, convive e dialoga permanentemente com a incerteza, a intuição, a indecidibilidade. Seus três operadores são: a dialogia que religa o que foi separado, a recursividade que põe causa e efeito, determinante e determinado em circuito permanente; o holograma que articula parte e todo, local e global. A percepção da unidade na diversidade e da diversidade na unidade, a simbiose, a complementaridade, a hibridação entre ordem e desordem, padrão e desvio, repetição e bifurcação que integram os domínios da matéria, da vida, do pensamento são consequências desses três movimentos. A complexidade introduz o sujeito no conhecimento, o observador na realidade; religa ciência, arte, filosofia e espiritualidade; assume a ética e a estética como valores universais presentes na ciência e na política e no conjunto dos saberes e fazeres.

Método é caminho dissipado, emergência incontida, incerteza implícita. As pesquisas que pautam por esse horizonte epistêmico jamais esgotam a interpretação nas fronteiras dos fragmentos do mundo real. Ao contrario disso, estendem o olhar e a escuta para longe, buscando discernir o caráter unidual, simultaneamente uno e múltiplo de atos, assinaturas, prescrições, contradições que envolvem a dinâmica dos seres vivos, humanos ou não.

A complexidade é um problema, um desafio, jamais uma resposta pronta e acabada para os problemas do mundo. A reforma da educação e a consolidação da democracia são prioritárias para que essas idéias vingam e se disseminem por todos os poros da sociedade civil. Por essas razões, o pensamento complexo deve ser colocado sob o signo da esperança permanente e da necessidade de religar, contextualizar e globalizar informações, saberes, poéticas.